

Jazz

7 de outubro 2014

Ciclo "Jazz +351"

Comissário: Pedro Costa

João Hasselberg

Whatever It Is You're Seeking, Won't Come
In The Form You're Expecting

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Luís Figueiredo Bateria Bruno Pedroso Saxofone Ricardo Toscano Trompete Diogo Duque
Guitarra João Firmino Voz Joana Espadinha Contrabaixo, baixo elétrico João Hasselberg

Ter 7 de outubro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

A música não vem da música

Whatever it is you're seeking, won't come in the form you're expecting. Esta frase é a tradução inglesa de uma passagem do romance *Kafka à Beira-Mar*, do japonês Haruki Murakami, e também o título de estreia em nome próprio do jovem contrabaixista e compositor João Hasselberg. Transformada na designação de uma obra, ganha outra conotação literária: parece um livro do escritor norte-americano Raymond Carver e não propriamente um disco.

Ora, em declarações de Keith Jarrett surgidas no documentário *The Art of Improvisation*, o pianista diz o seguinte: «Uma das maiores falácias dos circuitos musicais é a de que a música vem da música. É como afirmar que os bebés vêm de outros bebés. Não é verdade. A música é o resultado de um processo que um músico atravessa. Sobre tudo se está a criar no momento.» Hasselberg não podia concordar mais com tal perspetiva...

«Há que fazer uma distinção entre os atributos técnicos – tanto instrumentais como na música em geral – e a música propriamente dita. É mais ou menos a diferença entre ter farinha, açúcar e ovos ou ter um bolo com as quantidades certas de cada ingrediente e com o tempo de cozedura perfeito. Ouvir música e estudar música é, sem dúvida, parte do processo e uma etapa à qual não se pode fugir! Se oiço na minha cabeça um som e o quero reproduzir no contrabaixo, tenho de ser capaz de o fazer e essa capacidade vem desse estudo técnico e repetitivo, altamente

introspetivo também, no sentido em que é preciso descobrir em que direção se quer ir para poder apontar o desenvolvimento nesse caminho.»

Para gravar este álbum, João Hasselberg não queimou etapas: «Há dois anos percebi que, para poder tirar do instrumento o som que ouvia dentro de mim, tinha de reaprender a minha técnica de arco. Falei com o meu amigo Demian Cabaud e ele não hesitou em recomendar-me o mestre dele, Alejandro Erlich-Oliva. Desde então temos trabalhado regularmente em questões técnicas, repertório “clássico” e tudo o que a palavra música abrange. Absorvo de alguma maneira a música que me marca, trabalho com ela, tento transformá-la em algo só meu. Mas isso não passa de um exercício e permite-me ganhar ferramentas para construir qualquer coisa, como se fosse a baunilha e os morangos do tal bolo. Não sei o que do som faz “música” ou “não-música”, mas vou buscar esses materiais em todo o lado para tentar aplicar quando toco ou escrevo. Seja ouvindo um disco, lendo, passeando num local desconhecido, estando com amigos, conhecendo pessoas novas. E quanto mais esforço colocar na tarefa, mais experiência recebo dela. Talvez seja por isso que o cinema não me inspira tanto – os diálogos estão já acompanhados de imagem e a paisagem sonora dita muitas vezes o *mood* da cena. É a literatura que me fornece mais frutos.»

Daí, aliás, os títulos das peças que integram *Whatever It Is You're Seeking, Won't Come In The Form You're Expecting*, todas elas remetendo-nos

para o universo literário: *In Cold Blood*, *The Old Man and the Sea*, *To a God Unknown*, *A Wild Sheep Chase*, *On the Road*... Única exceção é a *cover* de um tema de Jerome Kern datado de 1937, *The Folks Who Live on the Hill*: só neste caso a música de Hasselberg se alimentou diretamente do património musical.

É óbvio que, antes mesmo de em Hasselberg haver um processo musical, houve-o outro de leitura e interiorização do lido. «Quando tinha 13 ou 14 anos lia muito, e especialmente divulgação científica. Richard Feynman, Stephen Hawking e Carl Sagan eram alguns dos meus autores favoritos. Quando comecei a tocar perdi parte do meu interesse pela ciência. Fiquei obcecado pela música e pela arte em geral. Só ao terminar os estudos em Amesterdão recomecei a ler compulsivamente, mas desta vez literatura. Fiquei especialmente agarrado a autores americanos e japoneses do Pós-Guerra. Durante esse período percebi que ler me estimulava a capacidade criativa e me clarificava a realidade das relações humanas», recorda.

«Com os grandes escritores fui construindo uma ideia do que é ser humano e é dessa ideia que surge a minha música», afirma ainda. O estranho mesmo é que as composições de João Hasselberg têm um cunho cinematográfico. Muito narrativas, as suas tramas são fílmicas, não de romance. A explicação: «Gosto muito de bandas sonoras e ultimamente até escolho os filmes pelo compositor e não pelo realizador. Felizmente, um bom compositor anda, na maioria das vezes, de mãos dadas com um bom realizador. Apesar de

ter alguns manuais sobre *film-scoring*, não sei grande coisa sobre técnicas de narrativa. Quando escrevo tento sempre estar no lugar do observador/ouvinte. Não para agradar ao público, mas para me agradar a mim enquanto público. Da mesma forma que, ao ler um livro, imagino a música e os visuais, quando componho quero que quem me oiça imagine uma história com imagens.»

O facto de concordar com Keith Jarrett não impede, claro está, que Hasselberg esteja atento à música dos outros... «Oiço muita música. Quando não estou a compor ou com o contrabaixo na mão oiço música ou vejo vídeos de concertos na Internet. Volta e meia, assisto aos ensaios da Orquestra Sinfónica da Gulbenkian. Procuo constantemente coisas que me possam surpreender. Não tenho leitor de CDs. Uso o Spotify e compro no iTunes e no BandCamp. Em determinadas ocasiões, opto pelo vinil. Não oiço só jazz, mas este é uma invariável na minha lista de escuta. Quanto mais oiço discos antigos mais descubro música e músicos incríveis. Parece que nunca acaba! Deparei-me há uns meses com um artigo chamado *The Irresistible Appeal of Black Individuality – Where Has All of That Gone?*, de Michael Eric Dyson, que fala sobre a tradição africana da transmissão oral e da repetição. O grande ponto deste artigo é que, em cada repetição, um novo elemento é adicionado ao discurso. É uma grande lição no que respeita a conhecer a tradição, mas não ficar preso a ela.»

O rock e a pop estão igualmente nos hábitos auditivos de João Hasselberg,

o que se nota. Na sua lista de preferências constam Elliott Smith, Bon Iver, Patrick Watson, Coldplay, John Mayer, Sting, Radiohead, The Lumineers, Ray LaMontagne e cantautores como Sérgio Godinho, Chico Buarque e Milton Nascimento. «Todos eles têm um som muito característico e esse é, sem dúvida, um fator que me chamou a atenção. Os arranjos e a orquestração que aí encontro são uma influência forte na minha música.»

Não é por isso que pensa ser justo, para aquilo que faz, o rótulo de pop-jazz: «Acho que nem jazz, sequer, é. Mas sim, como tem fortes elementos de improvisação é conotada com o jazz. E como tem uma melodia pouco jazzística é identificada como pop. De uma forma ou de outra é a “minha” música. Estou consciente, também, de que tem um fator *folk*, e gosto mesmo de pensar que há nela uma certa intemporalidade universal. Julgo que poderá ser ouvida daqui a 60 anos, noutro sítio qualquer, continuando atual e “familiar”, mas posso estar enganado.»

Em evidente contraste, a abordagem de João Hasselberg apresenta ainda algumas marcas da música erudita romântica, moderna e contemporânea. «O impressionismo francês fascina-me. Compositores como Fauré, Ravel e Debussy fazem parte da minha *playlist*. O Trio de Piano de Ravel é uma redescoberta a cada nova audição. O mesmo se passa com as obras para piano de Debussy tocadas por Walter Gieseking ou com o Quarteto com Piano N.º 1 de Fauré. Atraem-me neles questões harmónicas e, mais uma vez, questões de

arranjo e orquestração, especialmente no caso de Ravel. Ando ainda a prestar atenção a Marin Marais e a Dietrich Fischer-Dieskau, sobretudo quando canta Schubert. Deste último estou a tentar assimilar o dramatismo na interpretação da melodia», esclarece.

Curiosamente, nenhum destes interesses tem o contrabaixo como objeto. «Isso é porque não me considero contrabaixista. Considero-me um músico cujo principal instrumento é o contrabaixo. Parece que não, mas faz toda a diferença, se bem que ser contrabaixista me tenha levado a acumular experiências que de alguma maneira se revelam na minha música. Tocar “pop-jazz” com a cantora Luísa Sobral ensinou-me muito sobre como tocar contrabaixo, mas principalmente sobre como trabalhar com o formato canção. É verdade que, quando comecei a estudar, dava muita importância ao lado virtuosístico, na esteira de Scott LaFaro e John Patitucci, mas à medida que fui aprofundando essas capacidades e conhecendo mais, mudei a minha atenção para o Som e para o Tempo. Charlie Haden, Jimmy Garrison, Thomas Morgan, Larry Grenadier tornaram-se contrabaixistas de referência para mim. E com isto não quero dizer que o Patitucci ou o LaFaro têm mau som ou mau tempo!»

Hasselberg gosta de um som que «seja direto e assertivo, que não dê lugar a ambiguidades». «A clareza é uma das capacidades que tenho tentado desenvolver. Por um lado facilitando a vida de todos os músicos que tocam comigo, mas também provocando quando tem de ser», sustenta.

Com todas estas particularidades, como se situa ele no âmbito nacional do jazz? «Ainda não percebi bem o que se passa com a cena do País, se é que se pode dizer que há uma e não quatro ou cinco. Sendo uma cena pequena, acaba por haver necessidade de criar fações, mas acho que isso não passa de um *hobbie* para quem não tem nada para fazer. Quando estudava em Amesterdão, um dos meus maiores heróis era – e é ainda – Clemens van der Feen, precisamente por se movimentar em todos os meios e fazer um trabalho incrível em qualquer deles. Ora toca música experimental e *mainstream* como pop ou música de orquestra, com o Concert Gebouw, sempre sem perder a sua personalidade musical. E como ele há muitos. É uma questão de tempo, mas sobretudo de educação, até as coisas ficarem mais equilibradas por aqui.»

O certo é que João Hasselberg nunca pertenceu a nenhuma tendência específica. «Como nunca estive dentro de uma, não sinto o impulso de sair. Estudava eu ainda na Escola do Hot Clube quando gravei para a Clean Feed, com o IMI Kollektief, o álbum *Snug as a Gun*. O que me mantém fora da caixa é continuar a entender a música como um todo. Se se pode tocar com Yo-Yo Ma ou com Evan Parker porque deixar essas oportunidades de fora? Digo “continuar” porque quando era criança não fazia essa distinção. As crianças não a fazem. Já vi miúdos a dançar em concertos de um *free jazz* esquizofrénico e vi os mesmos miúdos dançar o tema do *Pirilampo Mágico*. A última coisa em que penso enquanto toco ou escrevo é

em questões estéticas ou de género. Mas estaria a mentir se dissesse que a sensação é igual quando toco música improvisada ou música 100% escrita. Cada uma destas atividades dá-me coisas que as outras não dão. Juntas, fazem com que me sinta um músico mais completo.»

É essa atitude que hoje João Hasselberg procura passar aos seus alunos: «Tive a sorte de encontrar na Holanda dois professores, Arnold Dooyerwerd e Ernest Glerum, que em simultâneo me suscitaram a curiosidade pela tradição e me incentivaram a inovar. Ambos dominam a linguagem do jazz e ambos se livram dela quando importa fazê-lo. É esta qualidade que transmito aos estudantes: ter a mente aberta. Oriento-os na aprendizagem da história do jazz e na formação de ideias próprias. Quem tem vontade de juntar alguma coisa ao que já foi feito, destaca-se, e quem não tem fica pelo caminho ou confunde-se com os outros.»

O problema é que esse aspeto menos bom vai acontecendo com frequência por estes dias. «Na era em que há mais informação disponível, há também menos disposição para a investigar. A fonte está a correr, mas falta a sede», lamenta Hasselberg. Felizmente que existe quem, como ele, dê um melhor exemplo.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online *jazz.pt*

João Hasselberg

contrabaixo, baixo elétrico

Com estudos feitos no Conservatório de Amesterdão, onde se graduou apenas em 2010, e um galardão em Jazz Combo no Prémio Jovens Músicos de 2011, João Hasselberg é o exemplo de uma rápida ascensão no mundo do jazz. A sua atividade já ultrapassou as fronteiras portuguesas, estando a colaborar com músicos de vários países como Spyros Manesis, Gianni Gagliardi e Gilles Estoppey, também eles novos valores do jazz, e tendo tocado em eventos internacionais de prestígio como o London Jazz Festival ou o Jazz Ahead. Por cá, pôde ser ouvido nas melhores companhias, como Júlio Resende, Sara Serpa, Afonso Pais e Bruno Santos, entre outros.

joaohasselberg.wordpress.com

Luís Figueiredo

piano

Luís Figueiredo, pianista e compositor, nasceu em 1979.

Concluiu o Curso de Piano do Conservatório de Música de Coimbra e mais tarde a Licenciatura em Piano na Universidade de Aveiro. Frequentou também o Hot Clube de Portugal e estudou com Mário Laginha, Filipe Melo, Bruno Santos, Bernardo Moreira, Vitali Dotsenko, Fausto Neves, António Chagas Rosa e Vasco Negreiros, entre outros. Desenvolve atividade performativa profissional desde 2004. Desde então, tem trabalhado tanto na qualidade de líder como enquanto

sideman com várias figuras musicais de relevo como João Moreira, Alexandre Frazão, Bruno Pedroso, Mário Franco, Nelson Cascais, André Fernandes, Mário Laginha, Mário Delgado, Demian Cabaud, Jeffrey Davis, João Hasselberg, Ana Bacalhau, Desidério Lázaro, Júlio Resende e Luísa Sobral. Paralelamente à atividade de músico realiza trabalho para um doutoramento em *Performance/Etnomusicologia* sob orientação de Susana Sardo e Mário Laginha na Universidade de Aveiro, onde é também docente e colaborador na área da investigação sobre jazz.

Bruno Pedroso

bateria

Nascido em 1969, inicia o estudo de música em 1987, primeiro em aulas particulares e depois na Academia dos Amadores de Música e na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas.

Em 1988 inicia-se tocando em bandas como Heróis do Mar e Mler Ife Dada e nos anos seguintes começa o seu envolvimento com o jazz ao lado de Pedro Mestre, Maria Viana, Nanã Sousa Dias e Tomás Pimentel.

No início da década de 1990 estuda com Allan Dawson, Clark Terry, Sir Roland Hanna, Rufus Reid e Bill Pierce e Kenny Washington, enquanto continua o seu percurso fora do jazz com os Resistência, Ritual Tejo, Jorge Palma, Lena d'Água, Paulo Gonzo, Anabela e com os fadistas Jorge Fernando e Mário Pacheco.

No contexto jazzístico toca com a cantora Maria João e grava o CD

O Lugar da Desordem com o trio do saxofonista Paulo Curado. A partir de 1995 dedica-se quase exclusivamente ao jazz. Integra o corpo docente da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e participa no Coletivo Português de Percussão que, sob a direção de Max Roach, atua no festival Jazz em Agosto.

Em 1997 estuda com Antonio Sanchez e Billy Hart, com o pianista Paulo Gomes e a cantora Fátima Serro grava dois CDs, *Conferência dos Sons* e *Day by Day* e com Maria Anadom grava o CD *Cem anos do cinema português*.

Em 1998 viaja para Nova Iorque onde permanece durante ano e meio, estudando na escola Drummers Collective, e a título particular com Jordi Rossi, Carl Allen, Leon Parker, Ralph Peterson Jr., Adam Nussbaum, Steve Berrios, Kim Plainfield e Bobby Sanabria.

Nos últimos dez anos, para além de continuar a carreira docente na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e também na escola J.B. Jazz, continua a tocar e gravar com os portugueses André Fernandes, Pedro Moreira, Nelson Cascais, Nuno Ferreira, Bernardo Moreira, Afonso Pais, Bernardo Sassetti, Joana Machado, João Paulo, Filipe Melo, Marta Hugon, Zé Eduardo, Bruno Santos, Paula Oliveira, e estrangeiros como Julian Argüelles, Chris Cheek, Ken Filiano, Rich Perry, Abe Rabade, Chris Higgins, Nicholas Payton, Reginald Veal, Aaron Goldberg, Phil Markowitz, Ricky Ford, Chris Kase, Eli Degibri, Avishai Cohen, Antonio Faraó, Peter Epstein, Bob Sands, François Theberge, Rick Margitza, John Ellis, Dave O'Higgins, Richard Galliano,

Gregory Tardy, Perico Sambeat, Jesus Santandreu, Miguel Zenon, Herb Geller, Sheila Jordan, Jesse Davis, Donald Harrison, Ben Monder, Jack Walrath, Matt Pavolka e Scott Fields.

Ricardo Toscano

saxofone

Nascido em Lisboa, Ricardo Toscano teve ligação com a música desde muito cedo por intermédio do pai, que também é músico. Aos 8 anos começa a aprender clarinete numa banda filarmónica, aos 13 entra no Conservatório Nacional na classe de clarinete, aos 15 ingressa na Escola Profissional Metropolitana na classe de clarinete, aos 16 na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas na classe de saxofone com o professor Desidério Lázaro e com 17 anos entra na Escola Superior de Música de Lisboa no regime de sobretudo, onde ainda permanece.

Frequentou aulas/*masterclasses* com Danilo Perez, Wynton Marsalis, Greg Osby, João Moreira, Pedro Moreira, Miguel Zenon, Aaron Goldberg, Kurt Rosenwinkel, Joe Lovano, Ben Street e George Garzone.

Toca habitualmente com Nelson Cascais, André Fernandes, Óscar Graça, Júlio Resende, Afonso Pais, Bruno Pedroso, João Moreira, Carlos Barretto e Alexandre Frazão, entre outros.

Em 2011 formou o Ricardo Toscano 4teto, formação que ganhou a 25.^a edição do Prémio Jovens Músicos na categoria de jazz, do qual fazem parte os músicos André Santos, João Hasselberg e João Pereira.

Diogo Duque

trompete

Diogo Duque nasceu em 1989 e iniciou a sua formação musical na Banda Filarmónica local com apenas 9 anos. Os primeiros contactos com o jazz surgem por influência da mãe, que possuía alguma discografia sobre o género e lhe oferece aos 12 anos os seus primeiros álbuns: *Kind of Blue* de Miles Davis e *Afro-Cuban Jazz Moods* de Dizzy Gillespie.

Em 2004, com 15 anos, ingressa na ESPROARTE – Escola Profissional de Música de Mirandela, e em setembro do mesmo ano é admitido na Escola Superior de Música de Lisboa, onde inicia a sua formação em jazz.

Desde então tem estudado com Pedro, Bernardo e João Moreira, Gonçalo Marques, Hugo Alves, Óscar Graça, Afonso Pais, Nelson Cascais e Lars Arens e participou em *workshops* com Dave Holland, Ohmad Talmor, Dan Weiss e San Francisco Jazz Collective. Neste momento está no último ano da licenciatura de música, na variante de jazz na Escola Superior de Música de Lisboa.

Integra o projeto Zorra e faz parte do Mingus Project de Nelson Cascais, para além de acompanhar a cantora Aúrea. Como *freelancer* tem tocado com Tito Paris, Carlos do Carmo, What the Funk, Madjezz, João Oliveira (Kutunoka Project), The Black Mamba, Mallu Magalhães, João Hasselberg e em diversas formações de jazz incluindo a Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal.

João Firmino

guitarra

João Firmino nasceu em Coimbra em 1986. Estudou música no Conservatório de Coimbra, no Hot Clube de Portugal e no Conservatório de Amesterdão. Em 2010 lança o seu primeiro disco *A Bolha* e em 2013 o segundo, *A Casa da Árvore*, ambos bem referenciados pelo público e pela crítica. Como *sideman* tem trabalhado com Desidério Lázaro, João Hasselberg, Joana Espadinha, Afonso Pais e La Macchina Volante, entre outros.

Joana Espadinha

voz

Estudou na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, é licenciada em jazz pelo Conservatório de Amesterdão e em Direito pela Universidade Nova de Lisboa.

Tem participações em discos editados por vários artistas, como intérprete e também como letrista, nomeadamente *A Bolha* de João Firmino, *Terra Concreta* de Afonso Pais, *Whatever It Is You're Seeking, Won't Come In The Form You're Expecting* de João Hasselberg, e ainda *Ponto de partida*, de André Santos.

É professora de canto no Curso de Jazz da Universidade de Évora, na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e na ESTAL. Lançou em junho passado o seu primeiro disco, *Avesso*.

Próximo espetáculo

Hierarquia das Nuvens

de Rui Horta

Dança Sex 10, sáb 11 de outubro

Grande Auditório · 21h30

Duração prevista: 1h15 · M12

© Mariana Silva



A mais recente criação de Rui Horta. Para sete bailarinos.

Porque queremos estar sempre noutra lugar? A que hierarquia obedecemos nos momentos de escolher? A resposta (...) é habitada por uma poética que transcende a compreensão: o território mais puro da dança.

Próximo espetáculo de música

Jim Black Trio

Jazz Sex 31 de outubro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M3

© Gianni Cataldi



Um jazz acústico de aparência clássica mas profundamente original e singular (...). Um trio impressionante pela sua força criativa e a sua coesão, capaz de tocar em registos muito variados, misturando peças melódicas, impressionistas e sonhadoras, com outras com formas mais complexas e uma energia rítmica brutal e desestruturada. L. Eskenasi in Jazz Magazine Jazzman, janeiro 2012

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
